

JB (B)  
17/6/97 L  
11/6

Rio de Janeiro – Terça-feira, 17 de junho de 1997

Não pode ser vendido separadamente

JORNAL DO BRASIL

B

Próximo filme de Lúcia Murat retrata o confronto entre brancos e os índios cadiveus nas terras alagadas do Pantanal no século 18

# Brava gente da floresta

Dilmar Cavalher/Arte JB

PEDRO BUTCHER

**D**as falcaturas políticas de Brasília para o conflito de culturas do Brasil colonial. Lúcia Murat, cineasta conhecida por filmes de cunho político – o mais recente, *Doces poderes*, falava sobre as campanhas eleitorais – está prestes a sofrer uma mudança radical. Vai se embrenhar pelas terras alagadas do Pantanal e realizar uma produção ambientada no século 18, sobre o complicado relacionamento entre índios e brancos. Para concretizar o projeto, orçado inicialmente em R\$ 3 milhões, Lúcia terá a ajuda dos produtores Buza Ferraz e Bruno Stroppiana (da Skylight).

O filme se chama *Brava gente brasileira* – verso retirado do *Hino à independência* –, e é inspirado em fatos reais. Aborda um confronto entre índios e colonizadores, em 1778, na fronteira das Américas portuguesa e espanhola. Num local bastante remoto, terra dos índios guaicurus, os portugueses ergueram o Forte Coimbra, com o objetivo de manter longe os conquistadores espanhóis. Mas os guaicurus, que fogem completamente da imagem tradicional dos nativos brasileiros – em geral pacífica e passiva –, não aceitam a presença dos brancos em suas terras.

“Na verdade, os guaicurus chegam a ter vergonha dos brancos, que são considerados por eles guerreiros covardes”, conta a cineasta, que mergulhou em livros de antropologia para estudar os hábitos da tribo. “Eles eram índios cavaleiros, nômades, de postura altiva e orgulhosa.” Tinham uma forma especial de cavalgar, lateralmente, desenvolvida para as batalhas. São conhecidos, também, pelos belos de-

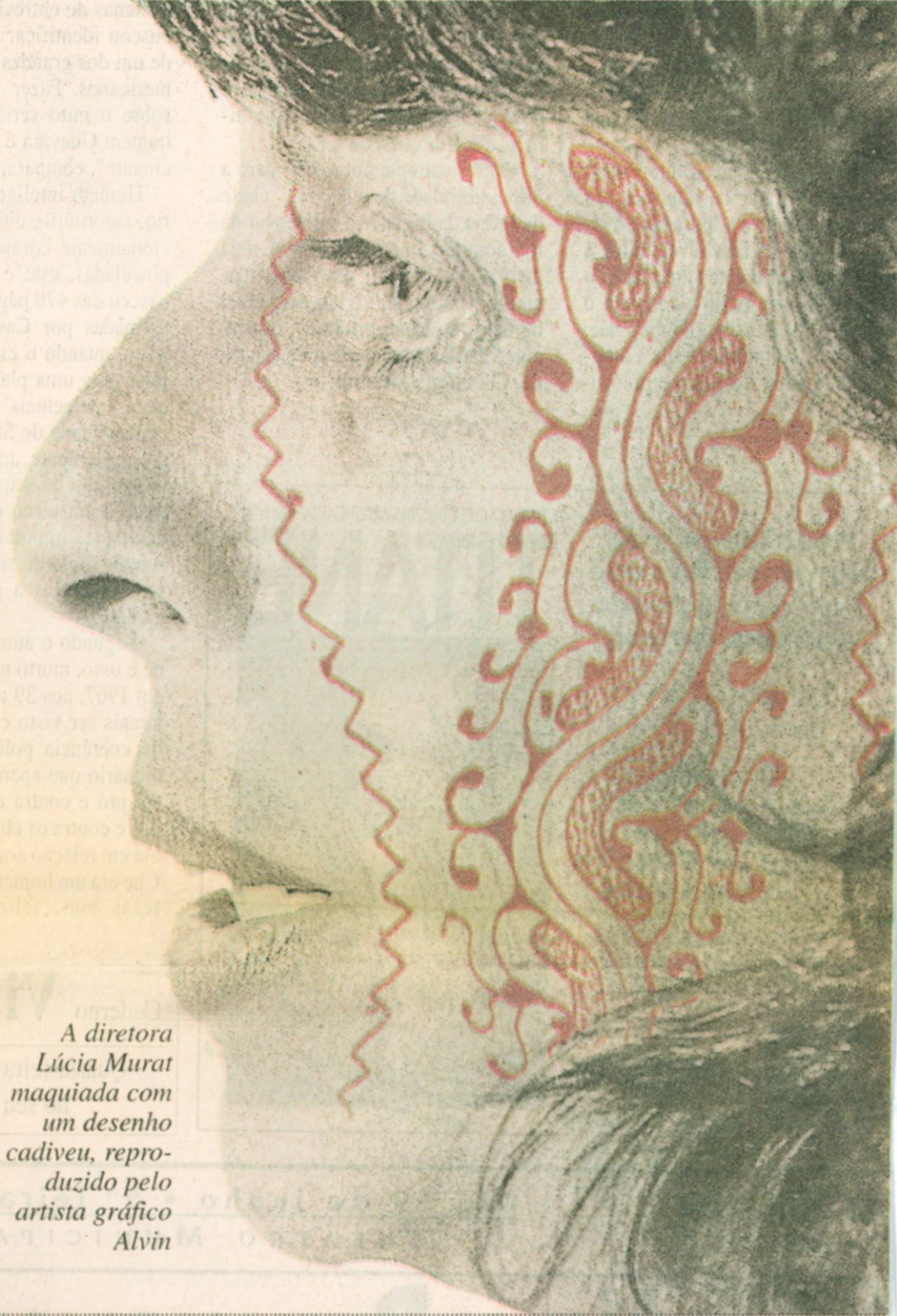
senhos faciais em delicadas formas geométricas, feitos nos rostos de crianças e mulheres. Hoje, os descendentes dos guaicurus – os cadiveus –, vivem no mesmo local, transformado em reserva, no Mato Grosso do Sul (fronteira com o Paraguai). Lúcia chegou a visitar a reserva há cerca de dois meses e, agora, até pensa em convidá-los a participar do filme. “Apesar de diferentes e aculturados, eles ainda guardam a mesma postura dos ancestrais”, diz. Para o produtor Bruno Stroppiana, esta será uma oportunidade de se explorar dois elementos pouco vistos no cinema nacional: o índio e o Pantanal. “É uma história muito boa, que pode trazer o ponto de vista indígena”, afirma.

O clímax de *Brava gente brasileira* será marcado por um episódio que foge às regras da história do país: a rara vitória dos índios sobre os brancos. Foi resultado de uma estratégia militar apelidada pelos historiadores de “o Cavalão de Tróia brasileiro”. “O que me chamou atenção neste episódio foi a forma com que os índios souberam usar o choque de culturas para observar o ponto fraco do outro”, afirma Lúcia. Apesar das necessárias cenas de batalha, não se trata aqui de fazer um épico. “Não só por encarecer a produção, mas porque esta não é a tradição do nosso cinema. Em geral fica ridículo”, atesta. Sua preferência será por decifrar o comportamento indígena numa aproximação quase antropológica. “Nesse caso, acredito na opção pela simplicidade.”

A história vai trazer três personagens brancos importantes: um ex-jesuíta espanhol, que mora com os índios, um português romântico, que acaba de chegar na colônia, e

um militar. Mas o elenco ainda não está definido. “Um dos pontos abordados pelo roteiro é a miscigenação, fator que diferencia a nossa colonização da norte-americana”, diz a diretora. O personagem militar, por exemplo, vive com uma índia – como tantos outros militares da época – e chega a pedir o reconhecimento de seus filhos pela Coroa portuguesa. É justamente essa possibilidade de miscigenação que desencadeia a estratégia militar dos guaicurus, que envolve a participação das mulheres. Mas Lúcia prefere não revelar o ápice do filme com detalhes, para não estragar a surpresa.

Por não corresponderem à imagem confortável do *bom selvagem*, os guaicurus foram intensamente discriminados. Chamam-se hoje cadiveus, mas eles mesmos contam que este nome teria sido imposto pelo Serviço Nacional do Índio para diminuir a intensa perseguição que a tribo sempre sofreu. Como eram nômades, só admitiam ter um filho por família. Os outros eram abortados ou mortos. Também tinham escravos, recolhidos de outras tribos, depois de travarem guerras quase sempre vitoriosas. “Mas era uma relação bastante diferente dos brancos com os escravos. Eles matavam os adultos e ficavam com as crianças, que passavam a ser praticamente integradas à tribo e cresciam como cadiveus”, diz Lúcia. Durante a colonização, os brancos tentaram várias vezes *aldear* (fixar) os guaicurus e fazê-los adquirir o hábito da agricultura. “Então eles diziam: ‘se vocês querem que a gente plante, mandem os seus escravos, porque a gente vai continuar caçando’”, conta. “É este o maior desafio desse filme: compreender e fazer o público entender a lógica dos índios.”



A diretora Lúcia Murat maquiada com um desenho cadiveu, reproduzido pelo artista gráfico Alvin



O antropólogo Claude Lévy Strauss, que esteve no Pantanal em 1935, se impressionou com o desenho facial dos cadiveus



“Eles eram índios cavaleiros, nômades, de postura altiva. E consideravam os brancos guerreiros covardes”

## As índias dos rostos simétricos

Em 1935, o antropólogo Claude Lévy Strauss, que estava no Brasil para fazer pesquisa de campo, desistiu de voltar à França para passar o verão e foi para Mato Grosso do Sul, visitar as tribos dos cadiveus e dos bororos. Queria recolher material etnológico e fotografar os índios, juntando material para o Museu do Homem, de Paris. Algumas dessas fotos foram publicadas no livro *Saudades do*

*Brasil*, recentemente lançado pela Companhia das Letras, em edição de luxo.

O antropólogo ficou especialmente impressionado com o desenho facial das mulheres e crianças – o hábito estético mais marcante dos cadiveus. “Formas geométricas dividem simetricamente os rostos das índias”, descreveu o antropólogo. No livro, Lévy Strauss ainda conta como foi a viagem até a tribo: “Os cadi-

veus vivem isolados na região do Pantanal. Foram três dias num trem de locomotiva movida a lenha, e depois mais três dias a cavalo.” Hoje, é claro, o acesso não é tão complicado – mesmo assim esse é um dos detalhes que sustentam a cineasta Lúcia Murat. “Estive lá e foi uma viagem difícil”, conta. “Mas não é nada que impeça a gente de fazer o filme.” As filmagens devem começar em dezembro.

“O maior desafio do filme é fazer o público compreender e entender a lógica dos índios”